ESPÍRITOS BRASILEIROS NO MERCOSUL: A EXPANSÃO DA RELIGIÃO NOS PAÍSES DO PRATA[1]

PETER FRY
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Melville Herskovits, desbravador do campo que hoje se chama Estudos Afro-Americanos, no seu afã de mapear as influências culturais africanas no Novo Mundo escreveu em 1943 um artigo chamado "The southernmost outposts of New World Africanisms" (Herskovits, 1943). O mais meridional dos africanismos no Novo Mundo em questão era o batuque de Porto Alegre. Pouco imaginava Herskovits, provavelmente, que, sessenta anos mais tarde, esse "africanismo" teria se estendido mais para o sul ainda, alastrando-se em terras onde não havia quase nenhum traço, nem físico nem cultural, dos negros que lá viveram. Estima-se que a população negra de Buenos Aires diminuiu de 30% para 2% ao longo do século XX. Estima-se também que o número de terreiros aumentou de zero para mil na Argentina e para trezentos no Uruguai ao longo dos últimos quarenta anos.

Axé Mercosul apresenta uma visão panorâmica da expansão da *religião* – que é como os adeptos denominavam o batuque e a umbanda – do Rio Grande do Sul até o Uruguai e a Argentina. A obra começa com um apanhado útil da bibliografia existente, passa por uma análise do papel dos pais e mães gaúchos nesse processo, tece considerações sobre as diferenças e semelhanças entre a *religião* no Brasil e nos outros países e, apresenta uma discussão sobre alguns aspectos econômicos das religiões afro-brasileiras na região do Mercosul.

A expansão das religiões afro-brasileiras para Argentina e Uruguai teria começado na década de 1960, a partir de religiosos do Rio Grande do

1. Resenha da obra: ORO, Ari Pedro. 1999. *Axé Mercosul*: as religiões afro-brasileiras nos países do Prata. Petrópolis: Editora Vozes. 172 p.

Anuário Antropológico/2002-2003
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004: 427-432

Sul. Oro apresenta duas versões radicalmente distintas das origens desse processo. A primeira, apresentada por Alejandro Frigerio, reza que os pioneiros da expansão da *religião* na Argentina foram uma mulher argentina que foi iniciada em Porto Alegre e um homem uruguaio, que se iniciou no Uruguai. Seus terreiros foram fundados em 1966 e 1968, respectivamente. Esta versão seria, de acordo com Rita Segato, a versão oficial, aquela que estabelece a "respeitabilidade" da *religião*. Segato apresenta uma outra versão, uma "história não contada" das origens, que atribui a três travestis uruguaios a glória de ter levado a *religião* para os países platinos. Eles trabalharam em casas noturnas de Rivera, na fronteira uruguaia com Santana do Livramento, onde foram iniciados. Um deles, Mara de Bará, teria sido o primeiro líder religioso a ter uma clientela em Buenos Aires.

A *religião* que se implantou nos países ao sul do Brasil seguiu e segue, *mutatis mutandi*, as características da matriz brasileira. Foi, e é, perseguida, e desenvolve estratégias para se tornar mais "respeitável". Organiza-se em terreiros, alguns dos quais agrupados em federações. Lá como cá essas federações têm uma enorme dificuldade em manter a sua estabilidade, dada a feroz autonomia carismática dos terreiros. As religiões afro-brasileiras no Mercosul espalham-se pelas cidades como fizeram no Brasil por um processo de segmentação e fissão que lembra o das sociedades acéfalas africanas, em particular o dos Tiv descrito por Paul Bohannan. Os membros participantes da *religião* tanto no Uruguai como na Argentina são, como no Brasil, predominantemente dos "setores médio-médio e médio-baixo". Evidentemente, porém, a *religião* nesses países é fundamentalmente de "brancos".

O que parece distinguir a *religião* na Argentina e no Uruguai da sua matriz brasileira, além da pele mais clara dos seus adeptos e da tendência dos espíritos de falarem em "Portunhol", em clara marcação da "brasilidade" deles, é a presença de alguns espíritos específicos. Ari Pedro Oro observa que há um fascínio em geral para a "linha cruzada", que inclui os exus e pombagiras, que são vistos como solucionadores rápidos de problemas. Nos terreiros da Argentina e o Uruguai aparecem espíritos que quase não existem no Brasil, os "exus-do-alto" e os "africanos". Os primeiros representam "pessoas de destaque social", "da alta". Esses espíritos vestem-se de *smoking* ou vestidos suntuosos, fumam cigarrilhas e bebem champagne. Oro cita pai Júlio de Omolu que diz que o exu-do-alto é "educado, civilizado, que fica em pé, fala e canta, e não exu animalizado, que precisa ser educado. É exu da alta sociedade". Os africanos assemelham-se aos exus e,

segundo mãe Susana da Oxum, compõem "uma linha muito pesada que representa jovens negros do Brasil".

Como entender tudo isso? Da resenha bibliográfica aprendemos como os demais autores interpretam a expansão dessa *religião* para Argentina e para o Uruguai. Alejandro Frigério, por exemplo, sugere que a *religião* atrai porque oferece soluções mágicas rápidas para problemas econômicos, familiares e sentimentais ou de saúde. Maria Julia Carozzi atribui o sucesso da *religião* na Argentina à sua suposta capacidade de ressacralizar o mundo num país secularizado, enquanto Rita Segato sugere que os seguidores argentinos buscam na *religião* uma outra identidade étnica, diferente daquela "abstrata arquitetada artificialmente por atos de governo ou por intelectuais". Para Segato, que se atem à africanidade da *religião*, "o negro passa a ser metáfora de toda diferença, toda etnicidade". No caso do Uruguai, Pi Hugarte enfatiza a permeabilidade da sua fronteira com o Brasil e a receptividade para com coisas brasileiras. Com a perda de "dinamismo e credibilidade tanto do catolicismo tradicional, como das variadas correntes secularizantes e racionalistas" que teria ocorrido com o retorno das instituições democráticas no Uruguai, a *religião* surgiu como uma alternativa razoável para a solução de problemas.

Oro não toma uma posição própria nesse debate, preferindo concentrar-se na análise da atuação de treze pais-de-santo gaúchos que tiveram papel importante na expansão da *religião* pela Argentina e Uruguai, mais tarde chamado de Mercosul. É nesse ponto que a etnografia vence finalmente a bibliografia e o leitor começa a adentrar o campo da *religião* pelas palavras dos pais e mães-de-santo gaúchos quando opinam sobre os seus filhos e netos-de-santo ao Sul nas conversas com o etnógrafo nos seus terreiros e em viagens para Uruguai e Argentina. Em geral, demonstram orgulho do seu rebento religioso. Mas também criticam. Observam que a *religião* liderada pelos seus filhos sofre de falta de "raça": "Tudo é diferente porque eles não têm a nossa ginga africana. Ela não existe neles. Mas eles tentam, na medida da fé, da sede de aprender, de se aperfeiçoar cada vez mais". Interessante notar que pelo menos uma mãe-de-santo argentina dá plausibilidade ao argumento de Rita Segato, afirmando que é por meio da *religião* que a Argentina consegue expressar uma africanidade que nunca foi extinta. Outro pai-de-santo argentino acrescenta: "Temos um laço tão forte com a África como os brasileiros. Na Argentina morreram quase todos os negros, mas o espírito ficou. Morreram os negros, mas o axé ficou.

Foi preciso chegar aqui a *religião* do Rio Grande do Sul para que aquele axé saísse de debaixo da terra". Outros gaúchos queixam-se da mistura na *religião*, sobretudo a proliferação do culto aos exus e pombagiras. Logo em seguida Ari Pedro Oro lembra que os mais velhos pais e mães gaúchos acusam os mais novos nos mesmos termos: "esqueceram a tradição e agora é só exu". Poderia ter continuado para reconhecer que a briga pela autenticidade é constitutiva do campo dessa *religião* como um todo, aonde quer que ela se encontre (Dantas, 1988).

Uma outra acusação feita pelos gaúchos contra o seu rebento espiritual dos países platinos é que eles são muito arrogantes e mercenários. Mas aprendemos mais tarde que os pais e mães argentinos também acusam os gaúchos do mesmo desvio ganancioso. E alguns desses, por sua parte, reconhecem que os seus filhos platinos são realmente "filiais" que servem para atrair mais clientes para os pais gaúchos. Ari Pedro Oro defende os seus amigos gaúchos, mostrando que mesmo aqueles que ganharam muito dinheiro com os seus filhos, não o utilizaram para o enriquecimento pessoal, investindo nos orixás, no terreiro e no prestígio por meio da generosidade. Preferiram, diz Oro, a "lógica do terreiro" à lógica do capitalismo. O fato é que a acusação de ganhar dinheiro às custas de uma população crédula é, como a acusação da falta de autenticidade, constitutivo dessa *religião* como um todo. Como mostra Yvonne Maggie (Maggie, 1992), a própria lei no Brasil distingue os verdadeiros médiuns dos meros charlatães.

As tensões entre a tradição (a autenticidade) e a criatividade (a mistura), entre a riqueza que aponta para o axé do terreiro e a mesma riqueza que aponta para a ganância pessoal, entre os rituais públicos dos "orixás da luz" e as consultas muitas vezes secretas com os exus e pombagiras são sempre presentes na etnografia de Ari Pedro Oro como são em toda boa etnografia das religiões afro-brasileiras. Tanto os gaúchos quanto seus filhos platinos edificam um campo religioso cuja solidariedade poderia ser interpretada, apud Simmel, como um efeito das múltiplas linhas de tensão entre esses princípios e entre pais e mães-de-santo que competem pelo prestígio sinalizado por um terreiro luxuoso, muitas viagens aéreas, muitos filhos, netos, clientes. E é por isso, sugiro, que as duas versões da história de origem que competem entre si para dar conta do início da expansão da *religião* para os países que agora compõem o Mercosul são tão interessantes e que podem ajudar a entender melhor ainda o significado da expansão da *religião*.

Oro não se compromete com uma ou outra versão da história da *religião*. E nem devia! As duas, como mitos de origem, expressam, evidentemente, cada qual, a sua verdade sobre o passado e sobre o presente. A coexistência desses dois mitos chama a atenção para uma outra tensão; a tensão entre a *religião* como uma religião qualquer, e a *religião* como o lugar do perigo, da pobreza e da contravenção. Na Argentina como no Brasil, havia pais e mães-de-santo que tudo fizeram para aumentar a respeitabilidade da *religião*; e é por isso que chamam o batuque e a umbanda de "*religião*" e afirmam a respeitabilidade social dos seus fundadores. Mas aprendemos por meio do livro de Ari Pedro Oro que os argentinos têm uma especial preferência pelos exus e pombagiras, pela linha cruzada! Também aprendemos que os exus-do-alto e os espíritos africanos "pesados" são muito populares. Os primeiros apontam para o poder mágico atribuído à "alta sociedade" com todos os seus luxos e caprichos, enquanto os segundos exaltam o poder mágico dos jovens negros brasileiros. É como se o poder mágico residisse justamente fora do seio da classe média, seja acima (exu-do-alto) seja embaixo (exus, pombagiras, "jovens negros brasileiros"). Ou seja, o esforço para alcançar a respeitabilidade parece andar em sentido contrário à grande atrativa do batuque em Buenos Aires que é a "linha cruzada", na qual pontificam espíritos notoriamente contraventores da moral e dos bons costumes da classe média, admiradores como são do consumo conspícuo, da licenciosidade sexual e da homossexualidade. Eis a segunda versão da origem da *religião*, potente na sua subordinação à ordem moral dominante.

Se tiver um desejo a pedir ao Ari Pedro Oro, seria o de contar mais sobre esse lado "maldito" da religião, não por qualquer curiosidade de *voyeur*, mas pela convicção que constitui um fator importante na história da expansão da *religião* no Mercosul. Afinal, não basta saber que as pessoas procuram serviços mágicos nos terreiros para resolver as suas aflições; isso é o que dizem e sabem os próprios clientes e pais e mães-de-santo. O que precisamos entender melhor é de onde surge a plausibilidade *desta* religião, e, sobretudo, da sua linha cruzada. Em *Axé Mercosul*, a homossexualidade permanece nas entrelinhas ou nas "entrefotos", um pouco como o mito de origem dos três travestis fica subordinado ao mito dos dois pais-de-santos mais "respeitáveis".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, B. G. 1988. *Vovó Nagô e papai branco*: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal.

HERSKOVITS, M. J. 1943. The southernmost outposts of new world africanisms. *American Anthropologist*, n. 45: 495-510.

MAGGIE, Y. 1992. *Medo do feitiço*: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça.